

reflexões sobre

ARTEvisual

v.4 n.5 março de 2023



BANKSY: Revolucionário?

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.4, No.5, março. 2023 – Banksy: Revolucionário?

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Banksy, Love is in the Air, soldier throwing flowers, 2005, Londres.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

“The Art of Banksy: Without Limits”.

A Arte de Banksy: Sem Limites.

Este é o título da exposição imersiva sobre Banksy, que pode ser vista desde de 1º de fevereiro de 2023, na cidade de São Paulo e a motivação para esta Reflexão. A publicação de Reflexões sobre Arte Visual: V4 N3 – Imersão e Espetacularização, trata deste tipo de mostra cujo apelo mercantil é maior do que o estético.

Diferente de outras mostras esta se aproxima mais de uma Instalação na medida em que apresenta obras de artista vivo e revela suas marcas, seu processo criativo e propositivo e não só “efeitos” multimidiáticos. Embora no site oficial do artista não conste qualquer referência a esta mostra, mesmo assim, não há dúvida que traz dados importantes para conhecer um pouco sua obra. Obviamente alguém explora este espetáculo como as demais citadas anteriormente.

O nome Banksy é envolto em “segredos” e controvérsias, já que é um pseudônimo e, pelo que se sabe, quase ninguém o conhece... Sua presença na Arte Contemporânea é marcada justamente pela “invisibilidade” do artista, ou seja, é alguém que parece estar mais preocupado com o ativismo social do que com o culto da personalidade ou com o mercado de Arte, então, mãos à obra.

A versão mais aceita é que nasceu em Bristol, na Inglaterra, no início dos anos 70, não há dados seguros sobre sua biografia ou mesmo de sua existência. Alguns acham que é o nome de um coletivo artístico ou qualquer outra coisa passível de estimular a curiosidade. O que se sabe, de fato, é que as especulações em torno dele aguçaram a busca e a valorização de suas obras no mercado especulativo.



Isto pode ser constatado pelo fato de que, em 2021, a obra: “*Devolved Parliament*”, “Involução do Parlamento”, de 2009, uma pintura em tela mostrando os deputados da Câmara dos Comuns do Parlamento Inglês como chimpanzés que foi leiloadada pela Sotheby’s de Londres. Em apenas 13 minutos atingiu a marca estratosférica de 12 milhões de dólares.

Embora a obra não pertencesse mais ao artista, ela aquece o mercado em torno dele. Notícias como esta intensificam a curiosidade e a busca por mais obras do artista gerando uma verdadeira “caça ao tesouro”. Algumas modalidades expressivas que utiliza são o Grafite e o Estêncil aplicando imagens em muros, paredes, tapumes e outros suportes públicos. Várias intervenções são atribuídas a ele ao longo dos anos, desde 1980.

Na cidade de Bristol, na Inglaterra, há vários grafites atribuídos a ele. É interessante destacar que a prefeitura proibia o grafite na cidade e havia a determinação para que fossem eliminados, por meio de pintura sobre eles, mas como a procura pelas obras do artista se tornou uma “febre” e os valores que elas representam cresceu, a administração pública mudou sua postura tomando cuidado para que não desapareçam.

O mérito de Banksy é atuar, aparentemente, na contramão do Sistema de Arte. Opera no ambiente urbano, usa grafite, estêncil, lambe-lambe e demais recursos não convencionais da Arte Visual. Ainda assim mobiliza a atenção do mercado e a disputa por obras produzidas por ele. De certo modo, parece que a preocupação de se manter anônimo, é um estímulo à curiosidade e a busca de suas obras.

Pode-se dizer que seu *modus operandi* integra vários dos elementos desejáveis para a Arte atual: oposição crítica ao sistema econômico, geopolítico e capitalista; valorização do inusitado, o diverso e a diversidade; intervenções ambientais, ocupações e instalações; uso de simulacros, metáforas, paródias, sarcasmo e ironia. Uma representação genuína do perfil que caracteriza o Pós-Modernismo.

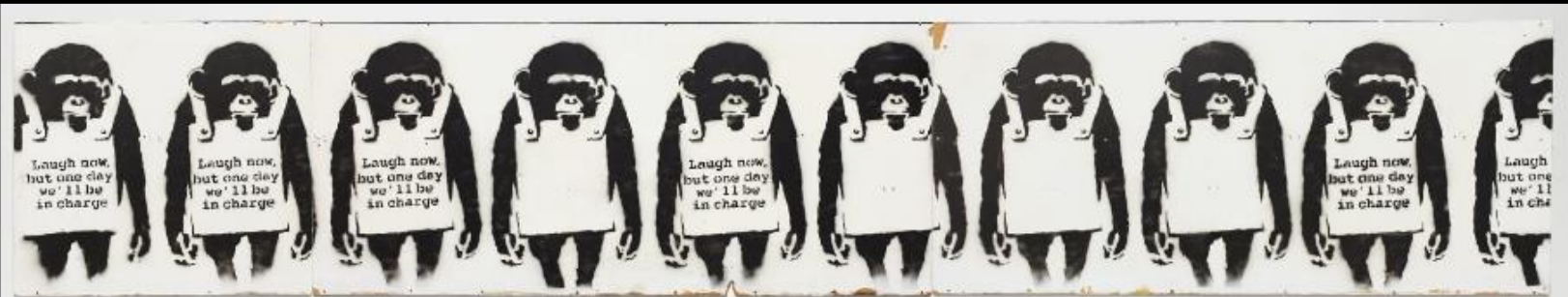
Grande parte do trabalho de Banksy é carregado de crítica social e política expondo as contradições do sistema capitalista e suas tragédias. Ironia, sarcasmo, desdém e aversão à hipocrisia são atitudes mostradas por meio de suas obras revelando sua oposição ao poder e ao autoritarismo. A escolha do grafite como meio de intervenção já é um sintoma de ruptura entre suas proposições artísticas convencionais e o sistema capitalista.



Banksy, Rato Anarquista.



Entre Ratos e Macacos. A esquerda *Toxic Rat*, Camden, Londres. A direita e abaixo *Laugh Now*, 2003.





Banksy, *Kissing Coppers*, em Brighton, Inglaterra. Este trabalho foi várias vezes vandalizado e recuperado. Depois retirado da parede e vendido.



Nos últimos meses de 2022, surgiram em algumas cidades Ucrânicas, como Borodyanka, Gorenka, e Kiev alguns grafites como este: “*Derruba Putin*” que faz referência à guerra da Rússia contra a Ucrânia.



Banksy, Crianças brincando numa “gangorra”, Kiev, 2022.



Banksy, Mulher com máscara antigases e extintor para combater incêndio, Borodyanka, 2022.



Uma das obras mais conhecidas de Banksy é *Love is in the Air*, Atirando Flores, de 2005, Londres, realizada por ocasião de protestos que ocorreram nas ruas da cidade.



Esta imagem combina dois ícones americanos: Mickey e Ronald McDonald contrapondo a eles a imagem da menina com o corpo queimado por bombas de Napalm, na ofensiva americana no Vietnam a partir de uma foto tomada por Nick Ut, em 8 de junho de 1972.



Acima à esquerda uma figura de um prisioneiro Muçulmano, dos muitos mantidos no presídio de Guantânamo, na ilha de Cuba, em decorrência dos atos do 11 de setembro de 2001. A direita uma intervenção na Disneylândia, um boneco “prisioneiro de Guantânamo” colocado num dos brinquedos do parque, logo que percebido foi retirado.



Em 2007 em Bethlehem, na Palestina, Banksy, inverte os papéis: ao contrário da menina estar sendo revistada pelo militar, é ela que o revista. Cena irônica por excelência.

O que é mais irônico de tudo isto é o fato de que embora a maioria das obras de Banksy sejam grafites urbanos com críticas ácidas ao sistema capitalista, ao poder e as guerras mantidas pela ganância das grandes potências, é um dos artistas mais procurados e mais bem valorizados dentro do próprio sistema capitalista. Como é o caso da obra “Involução do Parlamento”, citada anteriormente.

Um fato inédito ocorreu com a obra “Menina com Balão”, colocada em leilão pela Sotheby’s de Londres, que foi parcialmente fragmentada “ao vivo”. Pelo que se constatou o ato foi provocado pelo próprio artista que se encontrava anônimo na plateia. O problema é que o fragmentador inserido na moldura emperrou durante o processo e apenas parte da obra foi destruída. O curioso é que a pessoa que a adquiriu, por quase seis milhões de reais, manteve a proposta e ficou com a obra.



Banksy, Menina com Balão, a esquerda a obra inteira e a direita, parcialmente fragmentada na sessão do leilão no qual a obra foi vendida.



Grafite original de Banksy, 2002, em South Bank, Londres.

Toda especulação em torno dele e de sua obra provoca cada vez mais o interesse e motiva os financistas investidores/ especuladores a promoverem a valorização contínua de suas obras. Como disse: a ironia é que muitas destas obras, por serem grafitadas em locais públicos, não são passíveis de serem comercializadas ou vendidas em leilões. Logo surgem alternativas para “extração”, apropriação delas e inserção no mercado.

O documentário “*Saving Banksy*”, trata de um projeto desenvolvido por diretores dedicados a debater a questão da Arte Urbana e a possibilidade de sua retirada do ambiente na qual foi realizada para convertê-la em produto do mercado, esta é a posição do marchand Stephan Keszler, que conta com uma equipe de profissionais para arrancar pedaços de paredes com as obras do grafiteiro, vendendo-as para coleções privadas ao redor do mundo.



É o caso das duas obras acima, foram retiradas do local onde foram “grafitadas” e levadas a galerias para serem vendidas a colecionadores ou especuladores, sem a participação do artista.

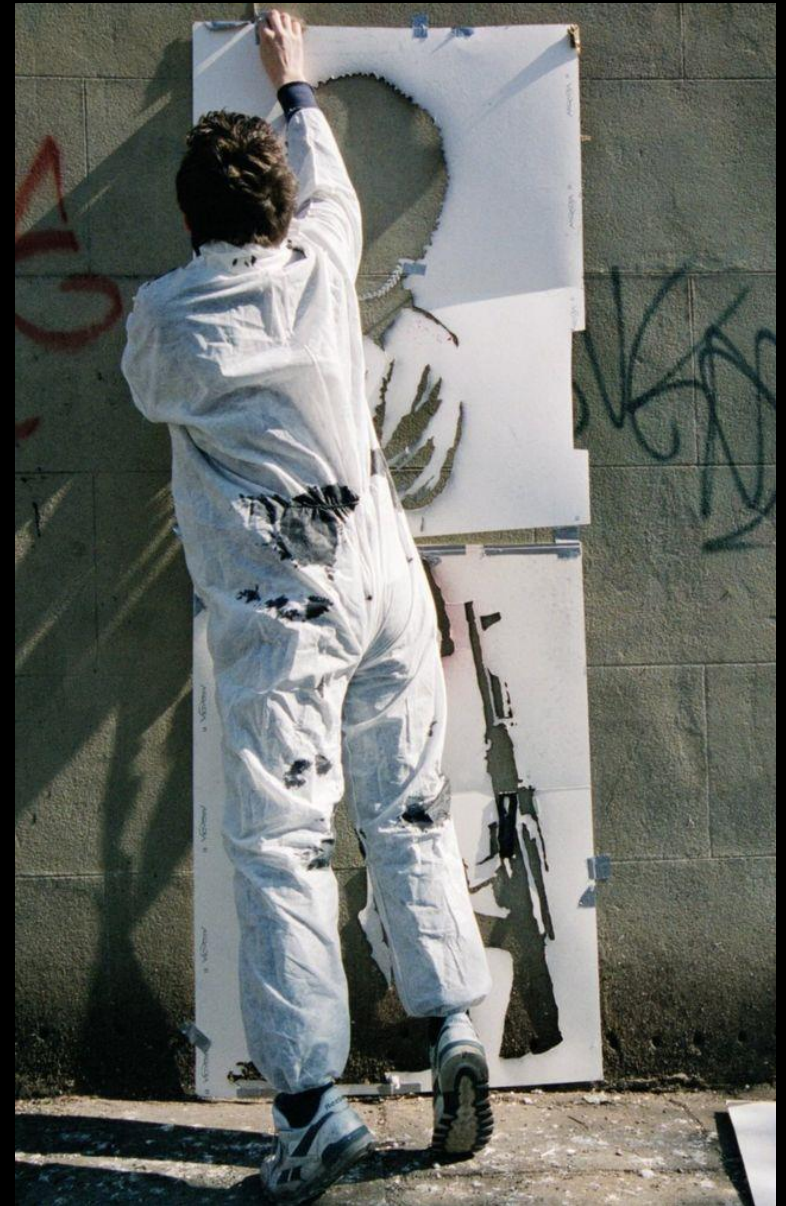


Esta imagem representa muito bem sua visão da relação entre capitalismo e sociedade: o lucro é sempre o predador e a vítima preferencial o ser humano.

Mas como Banksy sobrevive?

Embora sua presença no mercado seja intensa, acredita-se que ele não receba muito por seus trabalhos, mesmo porquê suas obras são intervenções urbanas ou instalações e não rendem nada diretamente a ele. Produz algumas obras “convencionais” como telas em pequeno formato. Durante muito tempo, Steve Lazarides, empresário e fotógrafo foi seu colaborador.

Lazarides manteve uma galeria em Londres entre 1997-2008, na qual comercializava obras do artista. Com a expansão da internet, Banksy criou a empresa *Pest Control*, em 2008, para certificações e venda de suas obras evitando a “falsificação” ou a apropriação de seus grafites no mercado, a partir de então passou a negociar suas obras diretamente com colecionadores sem muito alarde. Ingênuo ele não é.



Fotos de Banksy trabalhando, realizadas por Steve Lazarides, colaborador e marchand do artista por alguns anos.



O “vídeo/documento” das intervenções realizadas por ele, no início de sua carreira, no Museu Britânico, onde um “visitante” acrescenta obras ao acervo por conta própria:

<https://www.youtube.com/watch?v=EkUbYBo5xgs>



Em 2009, o Bristol Museum & Art Gallery mostrou a exposição: “*Banksy versus Bristol Museum*”. A mostra era composta por várias instalações, objetos e obras produzidas pelo artista.

<https://www.youtube.com/watch?v=NPxn5-ADFm8&t=5s>

A atuação de Banksy não se limita ao grafite ou aos suportes físicos e urbanos, mas também a intervenções, performances, proposições e projetos mais complexos. Talvez a face mais visível de seu trabalho seja o grafite, contudo se revela também como um produtor cultural de sucesso por meio de empreendimentos ousados. Para mostrar este lado, basta observar alguns projetos como *Dismaland* entre outros.

“*Dismaland*” foi criado como um parque de diversões cujas temáticas se mostravam altamente distópicas em diálogo e confronto com o parque temático mais famoso do mundo... Foi realizado em 2015, em Weston-super-Mare, no condado de Somerset, na Inglaterra, próximo à cidade de Bristol. O parque “anti-eufórico” ou disfórico contou com a colaboração de diversos artistas que criaram vários “brinquedos”.



Dismaland: parque temático criado por Banksy. Um dos principais passeios consiste na visita ao interior do castelo da princesa onde ela é vista num acidente de carruagem cercado por *paparazzi* ávidos para registrarem o momento, qualquer coincidência com fatos reais é mera semelhança... Assista o filme “publicitário” do parque:

<https://www.youtube.com/watch?v=V2NG-MgHqEk&t=4s>



Outra intervenção “ambulante” é “Sirene dos Inocentes”, realizada em 2013, em New York, quando um caminhão de abatedouro transitava pelas ruas repleto de animais gritando, neste caso: brinquedos de pelúcia, chamando a atenção da população. Uma intervenção ativista em prol do direito dos animais. <https://www.youtube.com/watch?v=WDIz7mEJOeA>



Em 2019, Banksy, “inaugurou” a “loja” *Gross Domestic Product*, no bairro de Croydon, em Londres. A loja é uma instalação como um conjunto de vitrines, não há acesso ao interior nem se comercializa nada, mas dialoga e satiriza o consumo de bens e o próprio capitalismo, uma metáfora crítica ao contexto da economia mundial. O nome, em português, é Produto Interno Bruto conhecido como PIB, um termo da economia que se refere à soma de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região durante um dado período de tempo para aferir desempenho econômico.

Se, por um lado, a mística do anonimato motiva grande parte do interesse em torno de sua figura, em consequência disto, aumenta o interesse mercantil sobre suas obras. As análises mais objetivas creditam a ele uma capacidade estratégica de marketing digna dos grandes marqueteiros. Todo o processo que envolve, desde a criação, a difusão da mídia sobre o “aparecimento” de obras Banksyanas em diversos lugares do mundo são eficientemente orquestradas.

Basta observar as últimas obras “lançadas” em 2022 na Ucrânia, com referência à Guerra amplamente difundida pela imprensa mundial. Sob o manto da denúncia, várias delas surgem no território devastado pela guerra como um suposto pedido de atenção contra a barbárie. Não quero dizer que ele não tenha esta intenção, contudo não há dúvida que por traz disto parece haver interesse comercial, senão dele, de outros.



Basta atentar para a foto acima, usada para a divulgação da mostra na cidade de São Paulo, onde se vê um “cenário” que reproduz uma delas simulando os escombros do local em que foi grafitada na Ucrânia.

Não se pode dizer que a carreira de Banksy foi fruto do acaso. Desde a década de 80 do século passado, até agora, na segunda década do século XXI, somam mais de 40 anos. Não é algo insólito e casual, revela constância, persistência, resiliência e dedicação, adjetivos que fazem parte de qualquer conjunto de condutas e comportamentos que denotam o caráter de quem se propõe a trabalhar com Arte, mesmo que pareça contraditório.

Por isto disse que ele não é ingênuo, mas consciente de seus interesses e projetos. Olhando pelo lado positivo, não se pode dizer que viver da produção artística seja um pecado. É comum supor, pelo menos no senso comum, que artistas não têm direito de produzir e viver de sua produção, é normalizado o fato de estarem sempre fadados à glória *post mortem*, a sina comum dos artistas. Vide a história pregressa da Arte Visual.

Num mundo pouco afeito à Arte, como o capitalista, artistas que obtêm sucesso como criadores e empreendedores são tachados de mercenários ou comerciais. Obviamente há casos em que são exatamente isto, contudo, alguns deles não são apenas isto. A meu ver é o caso de Banksy e de outros como Hirst, Gormley, Kapoor e mesmo Koons que se apropriam das estratégias do mercado em prol de suas carreiras.

Aqui no país este fenômeno é menos sensível, talvez algumas exceções como Vik Muniz, Cildo Meirelles e Beatriz Milhazes sejam exemplos deste tipo de conduta. Obviamente há outros que se encaixam neste contexto, mas bastam estes para exemplificar o que aponto aqui. É necessário entender também que o mundo, o meio, o contexto é o que é e não basta ter ilusões de que irá mudar tão já, pois os sinais não apontam isto.

Tenho colocado insistentemente o debate entre as relações contemporâneas das mídias, dos meios digitais e as alterações que vem ocorrendo no contexto da Arte Visual nas últimas décadas. Já falei das questões da migração da Arte Visual para os meios eletrônicos, digitais virtuais e em especial da inserção da Inteligência Artificial e a realização das mostras imersivas na atualidade.

Tudo isto mostra as transformações pelas quais as manifestações artísticas vêm passando desde o século XX. Estão cada vez mais próximas das tecnologias e mais distantes da psicomotricidade e cada vez mais próximas do fazer das pessoas, ditas “comuns”. É possível criar imagens sem qualquer habilidade manual utilizando aparelhos, programas e Inteligência Artificial...

Quando a fotografia surgiu, houve uma revolução na produção de imagens e depois nos costumes sociais com relação ao uso e função delas. Isto é o que está ocorrendo novamente, quase duzentos anos depois. Uma renovação de processos e conceitos capazes de recolocarem a Arte em novos patamares que não seguirão necessariamente o percurso histórico como fez até o século passado.

As novas diretrizes sociais e econômicas apontam novas diretrizes culturais. Quem sabe ainda não estejam prontas ou preparadas para pavimentar os novos séculos, mas tem incomodado bastante os teóricos, intelectuais e produtores neste campo de atuação e conhecimento. A incapacidade de não saber o que virá, não é um limite, mas um estímulo para experimentar os potenciais disponíveis.

A questão posta para este texto: do artista como revolucionário pressupõe que suas ações provocam alterações no *status quo*: mudar algo já estabelecido pela originalidade ou ousadia, neste sentido suas intervenções atendem, em parte, estas características, mas ao mesmo tempo isto não impede que a sociedade ou que a economia se apropriem ou interfiram nos seus trabalhos.

A grande questão não é se o artista é conivente ou não com isto, o fato é não ignorar que desde o Período Moderno a capacidade de criação, empreendimento e personalismo se tornaram estratégias da produção artística e, nem sempre, garantiram a sustentação dos artistas, há muita semelhança com o que ocorrem na atualidade. A vinculação da Arte ao mercado pode ser um “mal necessário”, mas se esquivar dele é difícil.

Neste sentido é possível considerar Banksy um representante do hibridismo e do sincretismo que a Arte atual revela como uma tendência de atuação consciente, provocativa e participativa no meio social. Explícita as mazelas e violência cometidas contra a humanidade por meio da apropriação de recursos e estratégias que este mesmo sistema de dominação capitalista desenvolveu para sua cooptação e conservação.

Obviamente devem ser resguardados certos limites e condições relativos aos valores do sistema econômico capitalista e não esquecer que, além dele, existem valores éticos, morais e socioculturais que não podem ser desprezados ou esquecidos. Mesmo ao se apropriar das estratégias, deste sistema é possível se opor a ele, confrontando-o com suas vítimas: as pessoas exploradas e dele alijadas compulsoriamente.